



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Fotografia e Música: Um relato do processo criativo na produção do fotolivro *Sons da Memória*¹

Bruna Sílvia Nascimento Silva²
Julianna Nascimento Torezani³
Universidade Estadual de Santa Cruz

RESUMO

Este trabalho visa apresentar um panorama das etapas de produção do fotolivro *Sons da Memória*, cuja iniciativa visa mostrar como se dá a percepção dos sons presentes em nosso cotidiano, agindo de forma direta na construção de memórias e lembranças. Para desenvolver este projeto, temos como base teórica autores e autoras sobre escuta musical (Janotti, 2020), sons (Schafer, 1977), fotografia (Kossov, 2002), memória (Silva Junior, 2022) e fotolivro (Forléo, 2022). Como resultado, através de etapas e planejamentos, obtemos um fotolivro que busca conectar o som à imagem, evocando sensações e lembranças de diversos momentos por meio das fotografias.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; música; memória; lembrança; fotolivro.

INTRODUÇÃO

*Sons da Memória*⁴ é um fotolivro produzido no ano de 2024 no curso de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A concepção do projeto foi idealizada por Bruna Sílvia, que assumiu a direção de todos os núcleos envolvidos na produção.

¹ Trabalho apresentado no GT1- Fotografia Documental

² Bacharela em Comunicação Social – Rádio e TV pela UESC, e-mail: brunapublic28@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela UFPE. Mestra em Cultura e Turismo e Bacharela em Comunicação Social pela UESC. Professora do Curso de Rádio, Televisão e Internet da UESC, e-mail: jntorezani@uesc.br

⁴ Fotolivro disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7xLiPM5Vpcl>



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



O TCC surge por meio da vontade de pesquisar sobre uma das mais antigas maneiras do ser humano se expressar, a música. Sua existência é tão antiga e enraizada em nossos processos de ser/estar no mundo, que se confunde com a evolução humana. As ondas sonoras se propagam na Terra e em nosso interior desde os tempos antigos, desempenhando um papel fundamental em nossa comunicação. Elas permitem que nos comuniquemos uns com os outros, seja falando ou ouvindo música, e também ajudam a criar laços emocionais.

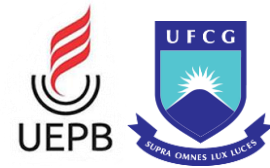
Assim, tudo que ouvimos e produzimos influenciam em nossos sentimentos e conexões com o mundo e com as pessoas ao nosso redor. Dessa forma, os sons podem ser compreendidos como um dos mais fortes fatores de integração social presente em nosso cotidiano. Sendo, portanto, um veículo de afetos que nos coloca de forma total, simultânea e orgânica, frente a um todo que pode ser compreendido através dos sentimentos.

Aliada a música, está a memória, palavra que tem origem na mitologia grega, através da Mnemosyne, deusa que presidia a função memorialística. O poço de Mnemosyne fazia os mortos lembrarem suas vidas, o oposto do poço de Lethe, que os fazia esquecer. Assim, pode-se compreender a memória como a ação de lembrar, o lembrar a si mesmo, aquilo que permanece no espírito. Bem como, a instância de inventar, meditar e refletir, no sentido de cuidar do que se viveu, sendo a música, um fio condutor da memória afetiva.

A memória pode ser vista como um fator constituidor da tentativa de imortalização. Sendo esta ação algo sempre presente na sociedade, seja por meio da pintura, imagem ou som, criando na existência humana uma reserva memorialista, através do que reside no espírito e corpo. Essa reserva em questão pode ser acessada normalmente de maneira incompleta, por conta da passagem do tempo e os detalhes que com ele ficam, mas ainda assim, o acesso se dá de forma fragmentada. Neste sentido, a pesquisa teve como ponto de partida os seguintes



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



questionamentos: como a música colabora na criação de memórias, evocando sentimentos e sensações, estando aliada ao processo comportamental do indivíduo na sociedade? Seria possível falar de música através de imagens e textos, sem som, por meio de um fotolivro?

Ao entrar em contato com o objeto perceptível, ou seja, o som, são evocadas memórias, fantasias e imagens que despertam reações afetivas. Percebendo assim, a música como um meio de comunicação e como uma forma do indivíduo se apresentar e estar no mundo, independente das várias fases e idades. Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é demonstrar como os sons estão presentes no nosso cotidiano, diretamente ligados à construção de lembranças, por meio da fotografia.

Os principais conceitos que orientam o desenvolvimento deste trabalho são: fotografia por Kossoy (2002); etapas de produção por Moletta (2009); curadoria por Chiodetto (2013); memória e lembrança por Silva Júnior (2022) e Barros (2017); música por Schafer (1977) e Janotti Júnior (2020); e fotolivro por Forléo (2022) e Ramos (2017).

A proposta do trabalho consistiu em construir uma narrativa poética através de fotografias, aliadas a textos e relatos, possibilitando trabalhar com as conexões de sentimentos, símbolos e histórias, permeando o tecido subjetivo que preenche o espaço da vivência e proporciona expressões ligadas a sensações. Para isso, a metodologia consiste na pesquisa bibliográfica, visando identificar teorias, conceitos e estudos relacionados ao tema e produção fotográfica para gerar um fotolivro. Além de ter como referências fotográficas o artista Fábio Setti e professor Eduardo Queiroga. O produto desse trabalho passou por etapas criativas presentes em três processos: pré-produção, produção e pós-produção.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



DA IDEIA AO FORMATO

A produção audiovisual de um produto, especificamente no caso deste trabalho, um projeto fotográfico, requer criatividade e planejamento. Dessa forma, a pré-produção pode ser vista como o ponto de partida, o momento em que as ideias ganham forma, os planos são traçados e os alicerces são lançados para o que virá a ser o produto final, sendo este, memorável e significativo.

Pensar que somos cercados de sons que muitas vezes passam despercebidos causa certo questionamento para o caminho oposto. Mas, e aqueles outros sons que ficam em nosso subconsciente, guardado por algo maior que o tempo, mais mágico que todos os ruídos externos. Músicas que geram lembranças que nem sabíamos estarem guardadas, que remetem sempre a um sentir específico, por vezes sem nome. Que lembra algo, ou alguém, traz sensações, faz querer voltar, parar um pouco e observar o que acontece dentro e fora.

A ideia deste trabalho surge por meio de inquietações pessoais, questionamentos acerca do acesso individual a lembranças criadas por meio dos sons que fazem ou fizeram parte da vida das pessoas. Será que elas notam o poder da escuta musical e como isso está interligado a vivências? Tudo que faz brotar no nosso interior surge de encontros e afetividades presenciadas no espaço/tempo. Assim, para toda vivência humana é possível que exista uma música, uma trilha sonora em meio às lembranças.

A experiência musical não é apenas sobre os sons que são produzidos, mas também sobre a maneira como são recebidos e interpretados pelo ouvinte. Para o professor Janotti Junior (2020), o ouvinte desempenha um papel ativo na criação da música, pois é através de sua percepção e compreensão que o verdadeiro significado do som é revelado. Cada indivíduo traz consigo suas próprias experiências, emoções e memórias, que se fundem com a música para criar uma experiência única e pessoal.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Por meio desse pensamento, Janotti Junior (2020) propõe o conceito de escuta conexas, uma abordagem que busca desenvolver a escuta musical de forma mais profunda e consciente, promovendo uma conexão íntima e significativa com a música através da subjetividade. Portanto, a música sendo vista como ato conexo, se encontra interligada ao senso de pertencimento, permeado pela conectividade.

Para Schafer (2011), é imprescindível que haja uma boa relação entre as pessoas, o ambiente e a musicalidade. É a partir da relevância dada aos sons que compõem o cotidiano na história da humanidade em diversos períodos históricos, que Schafer cria o conceito chamado paisagem sonora. Segundo o autor, o termo pode ser definido como uma forma de entender de que maneira as relações humanas acontecem, considerando os sons vivenciados nos locais em que se inserem.

Uma paisagem sonora consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos. [...]. Podemos saber exatamente quantos edifícios foram construídos numa determinada área ao longo de uma década ou qual foi o crescimento da população, mas não sabemos dizer em quantos decibéis o nível de ruído ambiental pode ter aumentado em um período de tempo comparável. Mais que isso: os sons podem ser alterados ou desaparecer e merecer apenas poucos comentários, mesmo por parte do mais sensível dos historiadores (Schafer, 2011a, p. 23- 24).

Assim, a escuta conexas, atenta e interiorizada, associada a paisagem sonora, adentra a dimensão auditiva constituída das mais diversas lembranças. A emoção envolve o corpo, atingindo-o e provocando certos comportamentos, mesmo que não sejam percebidos externamente. E quando se experimenta uma emoção, o que se sente organicamente são processos que envolvem movimentos do/ou dentro do corpo. Nogueira (2011) menciona que:

Se a música é significativa, é porque se constitui como “apresentação” de um fluxo de experiências e pensamentos humanos numa forma material, concreta: incorporada. E não há nada mais profundamente significativo do que aquilo que experimentamos com o corpo (Nogueira, 2011, p. 61).



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



A música pode então, ser vista “como uma forma de comunicação, de linguagem, pois por meio do significado que ela carrega e da relação com o contexto social no qual está inserida, ela possibilita aos sujeitos a construção de múltiplos sentidos singulares e coletivos” (Maheirie, 2003, p.147). Ela se envolve com todo o contexto e meio social, dando sentido e significado, assim, influencia os sentimentos. Com isso, ela tem a capacidade de transformar o seu mundo, dar novos sentidos e significados ao que está ao seu redor, seu impacto transcende o indivíduo em si, modificando suas percepções do mundo e de si próprio.

Desse modo, a música compõe elementos significativos para a memória das pessoas, tendo em vista que a construção das lembranças pessoais está atrelada às nossas vivências, sendo moldadas por nossas percepções sensoriais e emocionais. Para Silva Jr (2022, p. 3), existe uma diferença entre a construção de memórias e as lembranças, pois “a memória compõe e se comunica com a lembrança, mas o contrário, nem sempre é verdadeiro”. Ou seja, as memórias podem ser vistas como um sistema mais abrangente e estruturado, enquanto as lembranças são eventos ou emoções específicas evocadas a partir dessas memórias. Assim, sendo o ato de escutar música processado por várias áreas do cérebro humano, podendo estar presente também na construção de afetividades.

Prosseguindo a provocação, a memória é como um depósito de acontecimentos latentes, com mais lacunas do que preenchimentos. Nessas fissuras de preenchimento, por vezes habita a lembrança, nutrida pelo impreciso, pelas obliterações, descontinuidades, por um tempo frouxo, desatado da cronologia, pelos imaginários de quem sobre ela, fala (Silva Jr, 2022, p. 3).

As lembranças são evocadas por estímulos capazes de criar conexões profundas e duradouras, ultrapassando o tempo, sendo vista como algo mais pessoal e íntimo, ao contrário da memória, vista como uma construção coletiva e histórica. “A



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



memória tem esse quê, como uma ponte, armado entre o passado, transitando no presente, mas com seu objetivo voltado para organizar o futuro” (Silva Jr, 2022, p. 4).

A fotografia nos auxilia nessa perspectiva, ao congelar um momento no tempo, ajudando a manter viva a memória daquilo que foi registrado, possibilitando que as pessoas se conectem com o passado de forma mais vívida e significativa. Ainda assim, mesmo sendo uma fonte de registros, a experiência da fotografia é sempre vivida no presente. Quando observamos uma fotografia, estamos no agora, trazendo à tona memórias e emoções que são ativadas pelo ato de ver. Assim, a memória associada à fotografia não está confinada ao passado; ela está constantemente em construção no presente.

Se é verdade que fotografia é sempre memória porque sua condição de existência exige que ela se apresente depois de aquilo que ela representa ter acabado, também é verdade que a experiência do fotográfico só pode acontecer no presente do ser – e então memória nunca está no passado porque sempre está em processo (Barros, 2017, p. 154).

Podemos notar a relação da memória com a fotografia em um processo contínuo e dinâmico. Ela não é apenas um registro estático de algo que aconteceu, mas um ponto de partida para a criação e recriação constante de significados e lembranças. Esse fenômeno evidencia que a memória nunca está completamente no passado; ela está sempre em processo de construção.

A fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo. Essas imagens, entretanto, uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação sócio-econômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos. Não obstante todo o conhecimento e experiência que temos acumulado ao longo de



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



nossas vidas - que injetamos quando de nossa leitura das imagens -
necessitamos ainda recorrer à imaginação (Kossoy, 2002, p.45)

Desse modo, a fotografia é uma pista que fornece indícios para relembrar o passado que é construído no presente, assim ao entrar em contato com imagens os fatos retornam proporcionando lembrar das sensações do passado. Importante indicar que cada pessoa tem um repertório próprio, com suas experiências, vivências e conhecimentos que faz com que cada elemento do passado seja lembrado de modo particular, visto que as interpretações são diversas.

A CONSTRUÇÃO POÉTICA E ESTÉTICA

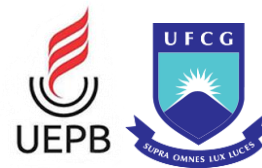
A elaboração da estética nas fotografias é uma fase importante para a criação do fotolivro e a sua narrativa. Sendo então, o imaginário, um ponto chave nesse processo, atuando como propulsor para gerar ideias e material criativo para construção da parte visual. O intuito do projeto é capturar o simbólico de forma a conferir espaço para a subjetividade, o dia-a-dia revisitado por músicas e sons. Entra em cena, assim, a fotografia documental, como forma de expressão. Lombardi (2007) ao pesquisar sobre esse tipo de fotografia, explica:

A fotografia documental pode ser pensada como um conjunto de imagens que forma uma narrativa cujos traços iniciais se deslocam de acordo com o olhar de cada fotógrafo. Desse modo, qualquer objeto ou situação pode ser representado esteticamente de acordo com a ênfase pretendida pelo fotógrafo (Lombardi, 2007, p. 43).

Essa carga de subjetividade do fotógrafo é decorrente da sua história e vivências, que o ajuda a produzir as imagens, sendo denominada por Lombardi (2007)



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



de Museu Imaginário. Dessa forma, pensamos que a fotografia documental nos guiará, como fio condutor na constituição da poesia imagética por meio dos registros.

No caso da fotografia, podemos dizer que cada fotógrafo carrega dentro de si uma biblioteca de imagens. Assim, uma fotografia nunca é totalmente destituída de influências, pois o fotógrafo absorve informações vindas de diversos lugares e pode usá-las mais adiante para criar outras imagens. O que não quer dizer que foi programado fazer igual, nem que necessariamente os fotógrafos, durante o ato de fotografar, se lembrem de referências vistas em outros lugares. Simplesmente essas imagens habitam o imaginário e são retiradas para fora do seu Museu no momento de produzir a imagem (Lombardi, 2007, p. 64).

Evidencia-se que ao longo da vida certas influências e experiências são absorvidas de diversas fontes e podem ser utilizadas de forma consciente ou inconsciente na criação de novas imagens. Isso significa que, mesmo sem a intenção consciente de reproduzir algo que já foi visto, ao fotografar podemos ser influenciados por imagens que fazem parte do nosso repertório visual.

Barthes (1980, p. 62) indica que “no fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”. Ao pesquisar as referências levamos em consideração fotógrafos com olhares voltados para a interpretação da fotografia documental. Dessa forma, utilizamos como referência para as imagens, as obras do artista visual, fotógrafo e jornalista brasileiro Fábio Setti, conhecido pela sua versatilidade e por retratar o afeto, existência e resistência. (Figuras 1 e 2).



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Figura 1 - Quarentena dia 70. Voar. Foto de Fabio Setti.



Fonte: Perfil do Instagram @fabiosetti⁵.

Figura 2 - Quarentena dia 10. Seja Água. Foto de Fabio Setti.



Fonte: Foto de Fabio Setti⁶.

Uma das características marcantes do trabalho de Fábio Setti é a sua capacidade de abordar uma ampla gama de temas com sensibilidade e profundidade. Seja retratando manifestações culturais, questões sociais ou paisagens urbanas, suas fotografias revelam não apenas o que está diante da câmera, mas também as emoções e os significados subjacentes a cada cena.

Além disso, tivemos como grande fonte de inspiração o fotógrafo e educador Eduardo Queiroga, professor do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, além de coordenador do projeto de extensão Bordas da Imagem. Queiroga fotografa parteiras tradicionais desde 2008, criando assim, o fotolivro “Cordão”. Por meio de uma abordagem sensível, destacando-se por seu compromisso em retratar realidades muitas vezes negligenciadas (Figuras 3 e 4).

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CAtYRfAnZEH/?img_index=3

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/B-Lk1b8FNLI/?img_index=2



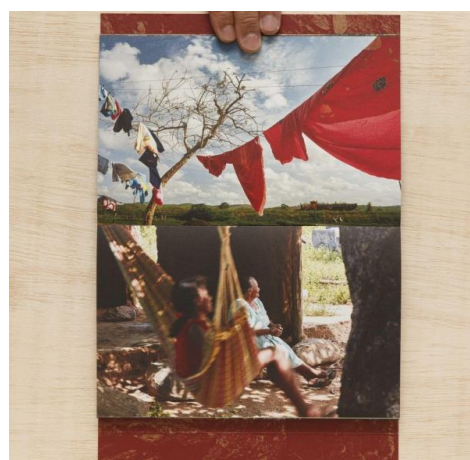
**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Figura 3 – Capa do livro “Cordão” de Eduardo Queiroga (2018).



Figura 4 – Página do livro “Cordão” de Eduardo Queiroga (2018).



Fonte: Base de Dados de Livros de Fotografia⁷

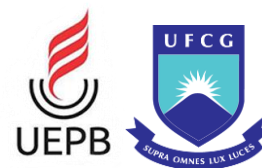
Queiroga representa uma grande referência para construção no nosso fotolivro em várias áreas da produção, principalmente pelo seu olhar voltado para o fazer documental, como a estética nos fotolivros. O fotolivro “Cordão” é uma fonte de inspiração por conta da imersão que as imagens proporcionam, pois aguça a curiosidade para saber o que o cordão de barbante significa, assim é um formato subjetivo tanto em termos de conteúdo, visto que trata do trabalho das parteiras, simbolizado pelo barbante representando o cordão umbilical dos recém-nascidos, bem como a forma de construção e montagem das imagens.

Foi proposto à realização do projeto, um rascunho das fotografias, levando em consideração os possíveis itens, ângulos de câmera e enquadramentos, como uma forma de visualizar a ideia e narrativa a serem desenvolvidas. Seguindo esse intuito a direção contou com um elemento fundamental para a realização fotográfica, que foi o *storyboard*. De acordo com Moletta (2009, p. 55), ele trata-se, basicamente, de “uma

⁷ Disponível em: <https://livrosdefotografia.org/publicacao/4510/cordao>



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



história em quadrinhos, uma referência visual dos planos, ângulos da câmera, dimensões e proporções do objeto da imagem. [...] É um rascunho da cena”.

O primeiro passo para o planejamento do fotolivro se deu através da escolha das pessoas que estariam presentes nas fotografias, bem como, os objetos e possíveis ambientes. A expressão “troca de experiências” guia a construção deste trabalho desde o início, pois no processo de pesquisa, surgiu o interesse em aprofundar o contato com as vivências de pessoas que lidam diretamente com a música das mais variadas maneiras e como a presença desses sons em suas vidas possuem significados.

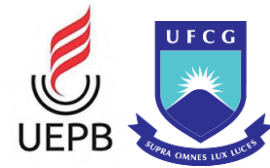
Uma das primeiras escolhas foi voltada para a imersão aos ensaios do coral Madrigal Cantavox, em Ilhéus, Bahia, sendo este, visto como instrumento de sensibilização da música. Em seguida, surgiu a ideia de fotografar um espaço também presente na mesma cidade, de nome Badauê, um misto de sebo e livraria que através da sua atmosfera convidativa, se tornou uma ótima fonte de inspiração, pela sua estética e sensação sinestésica que evoca. E por fim, fotografar elementos musicais, que remetem aos sons e lembranças, como objetos antigos que auxiliam na escuta, dispositivos presentes na casa da autora.

Para fotografar cada um desses espaços, fez-se necessário a organização de uma rotina de dias distintos, permitindo-nos capturar imagens em situações e formas variadas, prezando pela espontaneidade das pessoas e da disposição dos espaços. As fotografias aconteceram durante momentos em que os locais estavam ativos, tanto para os ensaios do coral, quanto para o funcionamento da livraria. As fotografias internas na residência da autora tiveram mais facilidade para realização.

Para a produção das fotografias, foi utilizada uma câmera digital semiprofissional DSLR Canon 6D, escolhida pelo caráter *fullframe*, resolução, possibilidade do uso de lentes e qualidade de imagem em ambientes com pouca luminosidade. A objetiva escolhida foi a lente Canon EF 50mm f1.8, devido a sua



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



profundidade de campo e ótimo poder de captação. Além disso, utilizamos um *smartphone* Iphone 11 para realizar as fotografias, por ser um equipamento próprio e por visar a mobilidade e a segurança em ambientes externos.

A princípio, tivemos um total de 151 fotografias capturadas e depois de organizar todo o material no drive com pastas para cada local fotografado, começamos a escolher as fotos. Nesse processo, realizamos uma pré-seleção das fotografias. Escolhemos as imagens que seriam essenciais para constituir a narrativa idealizada, levando em consideração toda subjetividade que o projeto tenta alcançar.

Após a seleção de 31 imagens, separamos o produto em três capítulos, denominados: *Percepção Sonora, Movimentos Rítmicos e Lembranças Atemporais*. Essa separação foi feita para dar uma fluidez melhor para o espectador, deixando o fotolivro mais organizado ao contar a narrativa, mesclando com a paleta de cores.

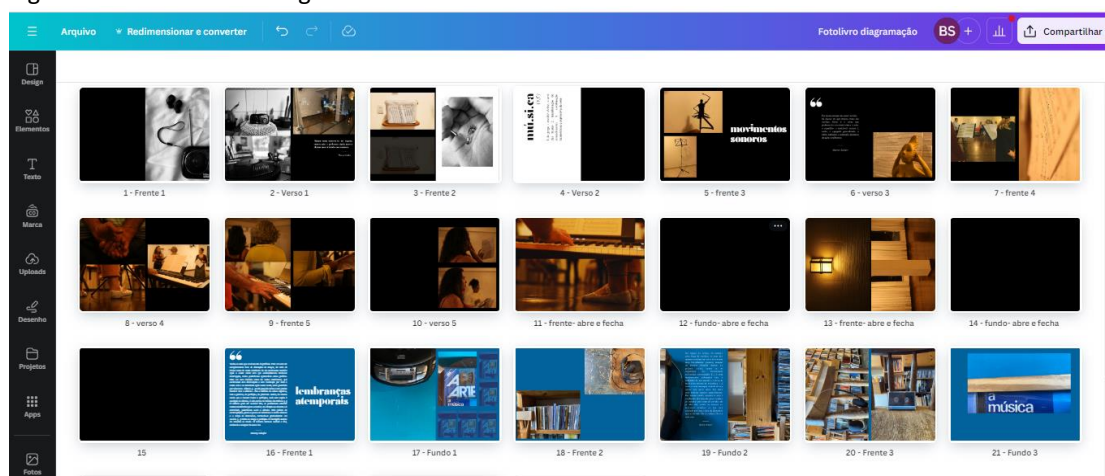
Em seguida, iniciou-se a fase de layout e design, onde ele começa a tomar forma. Utilizando um *software* de design gráfico, como o Canva, as imagens foram dispostas nas páginas do fotolivro. É importante considerar o equilíbrio e a composição de cada página, bem como a relação entre as páginas opostas. Visando um design versátil e limpo, permitindo que as imagens respirem (Figura 5).



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Figura 5 – Prévia de montagem do fotolivro.



Fonte: a autora, 2024.

Para finalizar o processo de criação do fotolivro físico, a escolha dos materiais de impressão e encadernação foi realizada com grande cuidado e atenção aos detalhes. O papel escolhido para a impressão foi o papel couchê de 250 g, selecionado por sua capacidade de realçar a vivacidade das cores e a profundidade dos detalhes nas fotografias. Este tipo de papel oferece uma superfície lisa e brilhante que acentua a qualidade visual das imagens, tornando cada página do fotolivro uma experiência visual rica e envolvente.

Além da escolha do papel, a encadernação manual de cada exemplar do fotolivro foi uma decisão intencional para agregar um toque pessoal e artesanal à obra. Esse processo artesanal não só eleva a qualidade física do fotolivro, mas também reforça o significado da construção de memórias com objetos afetivos físicos. Cada livro se torna uma peça única, refletindo o cuidado e a atenção dedicados a cada detalhe do projeto (Figura 6).



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Figura 6 – Versão Final do Fotolivro Físico⁸



Fonte: a autora, 2024.

A escolha de abordar temas como música, memória e fotografia como fios condutores do fotolivro, devido à natureza universal e ao seu poder de despertar emoções e lembranças, foi um grande desafio. A música, em suas mais variadas formas e estilos, permeia nossas vidas de maneiras ora sutis e ora impactantes, colabora na criação de memórias em função do meio que as pessoas vivem. Assim, nos diferentes ambientes, as lembranças das vivências passadas são percebidas através de sons, imagens, cheiros, sabores, objetos, permitindo novas experiências. Com o tempo, fazemos associações de elementos do passado, sendo a música um dispositivo que permite acessar essas sensações já sentidas, como a personificação de algo muito forte.

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/7xLiPM5Vpcl> ou https://drive.google.com/file/d/1eZcoQ0-fqPD0_AtofOtvGU5Jz46nnCQk/view?usp=sharing



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Foi uma experiência grandiosa tratar de música através de imagens, pois são duas linguagens distintas, sobretudo por conta da forma de produção pessoal das fotografias deste trabalho, mas ao mesmo tempo foi possível dar vida aos sons, mesmo com a sua ausência, mediante a forma poética e subjetiva. Ressaltando que toda inspiração vem do imaginário criativo que é permeado de experiências, então ao observar as imagens, os espectadores serão atingidos pelas suas próprias visões de mundo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Thaís. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. **MATRIZES**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 149-164, 2017. Disponível em:

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CHIODETTO, Eder. **Curadoria em fotografia: da pesquisa exposição**. São Paulo: Prata Design, 2013.

JANOTTI, Júnior. Deambulações e prescrições em torno dos regimes de escuta conexas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44º, 2021. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2021.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LOMBARDI, Kátia. **Documentário Imaginário: Novas possibilidades na fotografia documental contemporânea**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153. 2003.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



MOLETTA, Alex. **Criação de curta metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. 3. ed. São Paulo: Summus, 2009.

NOGUEIRA, Marcos. O Viés Emocional da Expressão Musical. **Revista Música Hodie**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 43-65. 201.

SCHAFER, Murray. 1977. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada et al. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. Walter Firmo, a pele negra da fotografia. **Revista Continente**, 01 jul. 2022. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/259/walter-firmo--a-pele-negra-da-fotografia->. Acesso em: 28 fev. 2024.